

## **Amar uma questão feminina de ser**

Flavia Braunstein Markman

Desde Freud, sabemos que estamos diante de um conceito psicanalítico bastante complexo, de difícil delineamento e de significados pouco precisos. Freud foi o primeiro a oferecer às mulheres uma escuta sensível às suas angústias, descobrindo significados até então inimagináveis. No entanto, ele, Freud, no que se refere à teorização do psiquismo feminino e da condição da mulher, não pode escapar a seu momento histórico, do seu contexto sociocultural-ideológico (entre outros textos “A sexualidade feminina”, 1931 e a “Feminilidade”, 1932). Sua teoria falocêntrica, com as ideias de uma masculinidade inicial da menina, da inveja do pênis, do complexo de castração, ainda desperta muita polêmica nos meios psicanalíticos.

Freud esclarece que a psicanálise não descreve o que é a mulher, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma e se desenvolve. Neste constituir, a relação com o pai e posteriormente com outros homens é uma transferência da vinculação inicial com a mãe.

O complexo de castração afasta as meninas da mãe com ódio. Ao nos distanciar dessa inveja fálica e olhar nossas companheiras de gênero, tentando a sobrevivência lado a lado com nossos parceiros, sem receios e ou destrutividade para com a alteridade.

Muitas vezes, o dia-a-dia é implacável na apresentação de suas faltas e dificuldades. Não é possível disfarçar, mas faz-se uma super-mulher disposta a resolver. Este ofício de ser mulher requer cuidar de tudo que nosso ser mulher exige.

A partir disto, gostaria aqui de relatar fragmentos de duas sessões de uma paciente minha que já está em atendimento há quase dois anos para podermos falar um pouco da angústia feminina. Vou chamá-la aqui de “M”.

Sessão I

M diz que quando chegou e viu a porta fechada achou que estava com outra e quase foi embora.

Eu brinco com ela e digo “Estava com a OUTRA?”

M fala que tem estado com minhoca na cabeça.

Fala da sua fantasia com seu marido e sua amiga. E diz: “Ela fica fazendo gracinha para ele”. “Sei que chama a atenção dele.”

Logo em seguida, menciona que foi ao dentista e o achou uma gracinha e ficou sonhando com ele acordada e achou melhor não voltar mais lá.

Pergunto se sonhar acordada com outro que acha uma gracinha é traição e M diz que se pegou pensando em algo que não teve controle.

Você quer controlar até pensamento?

Conta que hoje em dia se pega olhando para seu marido, admirando-o quando ele está dormindo.

M pergunta a ele se (ela) gosta dela.

Posso pensar que quando M fantasia seu marido com Outra, fica ameaçado o seu lugar de objeto amado.

Quando se vê pensando em seu dentista, se vê em condição feminina e desejante.

Contou toda a história do início de seu namoro. Que sempre achou que esta relação era para passar o tempo e que está nela esses anos todos.

M se percebe surpresa com seus novos sentimentos.

Fala da dificuldade de mostrar seus sentimentos

Não consegue receber. Tem dificuldades. Prefere dar.

## Sessão II

M já estava me esperando quando cheguei. Diz que quase faltou, pois tinha ido fazer seu preventivo e achava que não daria tempo de vir.

Pergunto se pensou em algo e diz que não está muito a fim de pensar.

Fala que fica olhando para as pessoas. “Aquela tem, aquela não tem (\$)”. “Aquela é, aquela não é (inteligente)”.

F- E você, tem ou não tem? É ou não é?

M- Às vezes, acho que tenho e outras não. Achava que era, mas acho que não sou mais....

Se M tem dinheiro para dar, ela pode ser este objeto amado pelo outro.

De repente diz que estava vendo TV com seu marido e tinha cenas de sexo forte e explícito.

Fala que não gosta de filme pornô. Sente algo estranho, tem vontade de fazer xixi.

F- Então, é uma sensação boa?

M- Não, não é boa. Não controlo a vontade.

F- Vontade?

M- De fazer xixi.- Aqui algo lhe escapa e estaria à mostra.

Em seguida, diz que não gosta que seu marido fique olhando (esses filmes pornôs) para não inventar história. Gosta dele por cima e ele gosta que ela fique em cima: “então, nós alternamos quem fica por cima.”

Termina a sessão dizendo que se morresse não teria mais problemas. Com nada nem ninguém.

Então, digo que é mais fácil fingir que não sente e que está morta do que ter lhe dar com seus sentimentos e desejos.

M sorri e diz que sim.

O que posso pensar a partir desses dois recortes?

Tentar situar o ponto de angústia é mítico. Sabemos, segundo Lacan, que a angústia se produz na fenda entre o desejo e a angústia.

Isto não quer dizer que o desejo não está associado ao grande OUTRO implicado no gozo, que é o Outro Real.

Desejo está ligado ao pequeno a, substituto deste grande Outro (A).

Há uma hiância que tentamos mascarar. A castração.

Se pensarmos que a mulher se revela superior no campo do Gozo, uma vez que seu vínculo com o nó do desejo é mais frouxo. Sua falta, o sinal (-) com que é marcada a função fálica do homem, o que faz com que a sua relação com o objeto tenha que passar pela negatização do falo e pelo complexo de castração, o status do -@ no centro do desejo do homem.

Sendo assim, o nó não tem o que amarrar e se torna frouxo.

Isto não quer dizer que ela não tenha relação com o desejo do Outro. Ao contrário, é justamente o desejo do Outro que ela enfrenta. Neste confronto, o objeto fálico só chega a ela em segundo lugar, e na medida em que desempenha um papel no desejo do Outro.

**“A mulher é aquele ser que não é homem, ou seja, que não tem o objeto”.**

Mas essa resposta não serve, afinal, a gente poderia dizer: **“se a mulher não é o homem, então o que ela é?”** É uma pergunta para a qual não se tem a resposta, porque no caso da mulher não há esse objeto que a represente.

“Ou seja, (como diria Lacan: “A mulher enquanto representação do que é a mulher”) não existe”.

Podemos pensar, então, segundo Simone de Beauvoir, que este segundo sexo não existe, O que existe é o “outro” sexo, que necessita da mediação de um homem para ter acesso a este outro sexo. A mulher existe em alteridade ao sexo masculino.

Assim, posso pensar que M, pela primeira vez está diante da sua sexualidade.

Evocando sua angústia diante deste sexo masculino e da sua não presença fálica. Da sua castração.

Já essa relação simplificada com o desejo do grande Outro é o que permite à mulher, quando se dedica a nossa nobre profissão de psicanalistas, ficar no lugar deste desejo numa relação que sentimos ser muito mais livre. Se ela tem

essa liberdade maior, é porque não se prende a isso tão essencialmente, quanto o homem, em particular no que concerne ao Gozo.

Oferece-se como objeto exercendo uma função. Encarnando o pequeno a.

Podemos pensar esta liberdade, pois a mulher já entra no Édipo “não tendo” e não “tendo nada a perder”, pelo menos quanto aos órgãos, pois castrada ela já é.

Se a mulher não tem uma representação de si mesma, isso significa que ela pode inventar sua essência.

Mulher gosta de se sentir única, singular, exatamente porque ela não tem uma definição padrão do que é ser mulher.

Voltando a M e suas questões de “ter” e “ser”, e pensando segundo Malvine Zalcberg, o que está em jogo é a importância da resposta que o OUTRO do Amor dará a esta demanda. Se o Outro não dá resposta, há aflição pela falta de resposta.

“A mulher, em especial, demanda amor para encobrir o seu vazio, para que o amor funcione como véu de sua falta. Causa impacto descobrir que a demanda persiste no inconsciente, que insiste em sua paixão de ser, em paixão de amar.” (Zacner, Malvine- Amor Paixão Feminina)

Freud formulou a idéia de que um narcisismo originário estaria na base de todo amor objetal.

Posso pensar que a menina fundamenta sua existência por achar que satisfaz à mãe, ela própria identificada ao falo. Sendo, assim, amada. Se a castração, para as mulheres, é sinalizada pela perda de amor, isto seria uma ameaça “que atinge o seu próprio ser”. Ela precisa ser amada para “ser”.

Neste caso, podemos pensar que a mulher precisa ter para ser e assegurar o amor do grande Outro. E ela se dá em troca deste amor, que de alguma forma vem recobrir sua falta-a-ser.

Não basta ter para que a questão do ser da mulher seja resolvida.

A mulher Freudiana é aquela essencialmente fálica. Deseja, ama e goza em relação ao Falo.

Para Freud o valor fálico do amor traz uma equivalência entre a angústia de castração e a angústia de perda de amor.

Sua feminilidade se definiria em alteridade a este homem.

As mulheres amam o AMOR.

O amor a identifica como mulher.

São as mulheres as grandes responsáveis pelos encontros possíveis entre o sexo.

Escolhi duas citações para terminar o meu trabalho, uma de Carlos Drummond de Andrade:

**“ Que fiques boa depressa  
De alegria ou qualquer dor,  
Mas que nunca sares dessa  
Doença de amar-me, Amor!”**

E a outra de Clarice Lispector:

**“Com todo perdão da palavra, eu sou um mistério para mim.”**

- A responsabilidade dos artigos assinados é dos seus autores.

